



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
apresentação de modelo da plataforma para exportação de serviços de  
tecnologia da informação da Hewlett-Packard**

**Barueri-SP, 02 de agosto de 2004**

Senhor John Danilovich, embaixador dos Estados Unidos no Brasil,  
Meu caro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio  
Exterior,

Meu caro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,  
Meu caro Cláudio Lembo, vice-governador do estado de São Paulo,  
Senhora Carly Fiorina,  
Aloízio Mercadante,  
Meu caro Carlos Ribeiro, presidente da HP no Brasil,

Na verdade eu não estava pensando em fazer um discurso, porque eu acho que a apresentação feita aqui, pela própria HP, demonstra as razões pelas quais eu estou aqui, dois ministros meus estão aqui, mais o nosso líder no governo e outros companheiros do governo, dando importância a este ato de hoje.

E porque nós estamos aqui? Primeiro porque o Brasil, durante os últimos 50 anos, teve extraordinárias oportunidades. Todo mundo que está nesta sala sabe que o Brasil de 1950, 1980, foi um dos países que mais cresceu em todo o mundo. Entretanto, esse crescimento não significou uma repartição da riqueza de forma mais justa para garantir que mais gente da sociedade tivesse acesso aos bens culturais e materiais.

Todo mundo sabe que o Brasil, durante muito tempo, foi considerado um país emergente, um país em vias de desenvolvimento. Eu, quando comecei a minha vida política no sindicato, na década de 70, já ouvia dizer que o país era



um país em vias de desenvolvimento. Já faz mais de 30 anos e o Brasil continua sendo um país em desenvolvimento.

O Brasil já foi a 8ª economia mundial e regrediu nesses últimos 20 anos. A nossa população cresceu de 1970 a 2004, ou seja, em 34 anos nós dobramos a nossa população. E foi exatamente nesse período que a economia passou praticamente 20 anos estagnada, o que nós, aqui, chamávamos de “década perdida”.

Quando nós tomamos posse, havia quase um compromisso ético e moral de tentar recuperar o tempo perdido. A política é feita de uma relação de confiança. Podem ficar certos de que política não é apenas o interesse imediato, política tem uma relação de confiança. Quando dois seres políticos estabelecem negócios, relações diplomáticas, se existe confiança entre quem está na mesa de negociação, as coisas podem fluir com muito mais facilidade, eu diria, com muito mais produtividade para as duas partes. Foi por isso que nós tomamos a decisão de recuperar um pouco a nossa correlação de força política, primeiro na América do Sul, porque muita gente olha a América do Sul com um certo desprezo, mas é importante lembrar que nós somos um mercado de 350 milhões de habitantes, com um PIB de aproximadamente 1 trilhão de dólares, o que não é pouca coisa se levarmos em conta os negócios.

Da mesma forma que o Brasil trabalha com muito interesse junto a países como a África do Sul, a Índia, no sentido de dar o mínimo de oportunidade a alguns países africanos, porque a boa lógica indica que você precisa garantir que os países tenham ascensão até para poder consumir aquilo que você pensa em vender, pensa em produzir.

E nós achamos que era preciso estabelecer essa política porque a nossa política com os Estados Unidos e com a União Européia já é uma política muito sólida, já são relações históricas muito sólidas e quanto mais você tem relações com blocos fortes como Estados Unidos e União Européia, vai havendo menos espaço para você crescer porque eles já são os maiores



parceiros nossos em quase todas as áreas.

Então, abrir novos mercados, novos espaços, novas amizades, novos relacionamentos foi uma tarefa, eu diria, muito grande que nós conseguimos coroar com certo êxito na última sexta-feira, quando em Genebra conseguimos, por fim, sensibilizar corações e mentes americanos, corações e mentes europeus e o subsídio já não é mais um entrave tão grande para que nós possamos exportar determinados produtos onde temos vantagens comparativas.

Essa conversa de hoje, aqui, é porque o Brasil também não quer ser apenas um exportador de matéria-prima, de produtos *in natura*, isso é muito importante. O Brasil precisa se dar uma chance e entrar na era da exportação de conhecimento e tecnologia. E nós temos material humano para isso, nós temos base universitária para isso, nós temos potencial econômico para isso. O que precisamos é tomar a decisão, enquanto nação, de querermos fazer ou não a nossa participação nesse mercado excepcional. Aí, tem uma parte que é a parte da relação humana.

O Brasil precisa procurar bons parceiros, internos e externos, mas tem uma parte que é necessária, que é a parte que o governo tem que fazer, obrigatoriamente nós temos que fazer: se nós vamos continuar a permitir que o acesso à informática seja apenas um privilégio de setores da sociedade brasileira, ou se nós vamos querer que o acesso à informática seja uma coisa de interesse de toda a nação brasileira.

Qual é o papel que o governo joga no processo de inclusão digital? Uma coisa é continuar do jeito que está, apenas pequenos setores da sociedade podem comprar tudo que precisam para ter todas as informações do mundo, e outros setores continuarão analfabetos no que diz respeito ao conhecimento de uma sociedade digitalizada.

Nós resolvemos dar o passo seguinte, envolvendo o Ministério da Indústria, Comércio e Desenvolvimento, o Ministério das Comunicações, o



Ministério da Ciência e Tecnologia, o Ministério da Educação, o Ministério da Integração Nacional e o Ministério do Planejamento para que, juntos, possamos ter uma única política de inclusão digital e não várias políticas, uma de cada ministro, porque isso é o que não deu certo no Brasil durante muito tempo. Ter uma política única de inclusão digital para que o Brasil se torne competitivo também, nesse mundo cada vez mais ágil, cada vez mais exigente e cada vez mais competente.

O Brasil precisa ter uma política especial para que a gente possa produzir mais, eu diria, mais e melhor, computadores que possam ser vendidos a preços mais baixos, para que as pessoas pobres tenham acesso à compra. Nós não podemos cometer o erro que historicamente se cometeu no Brasil, que quando se fala em fazer uma política dessa natureza, o governo distribui 100 mil computadores para 100 mil escolas e fala: “está feita a inclusão”, o que não é verdade, isso é política social. Política de inclusão digital é aquela em que o governo cria as condições para produzir internamente ou para importar máquinas das mais modernas possíveis, a preços compatíveis com a possibilidade de pagamento médio da sociedade brasileira. E é aí que entra o papel do governo de discutir que política tributária vai ter para o setor porque, muitas vezes, pensando apenas em receita nós falamos: nós vamos perder. A gente não vai perder o que a gente não tem, a gente apenas não vai receber durante um determinado tempo uma coisa que nós não recebíamos, ou seja, vai continuar na mesma.

Entretanto, nós vamos crescer de que forma? Na medida em que tiver mais gente tendo acesso a um bom processo de informação, na medida em que nós tivermos mais gente tendo acesso à informática, mais gente podendo comprar computador, aí, sim, o governo vai ganhar, o país vai ganhar e todos aqueles que querem uma sociedade mais informatizada, sobretudo a partir da máquina do governo.

Nós estamos sentindo hoje, no governo, o que é a experiência de fazer



compra via Internet, e o que era fazer compra como antigamente. A diminuição de custos, a lisura do processo. E isso nós precisamos fazer chegar a todo o governo, o que não é uma tarefa fácil porque tem hábitos que não são tão simples de mudar.

De qualquer forma eu quero dizer, presidente da HP, esteja certo que no Brasil nós temos interesse em deixar de ser um país em vias de desenvolvimento. Este país tem criatividade, como disse o Furlan, este país tem o melhor carnaval do mundo, tem o melhor futebol do mundo, caminha para ter o melhor vôlei do mundo (masculino e feminino), caminha para ter muitas coisas, mas pode ficar certo que nós temos criatividade como poucos povos do mundo têm, nós temos competência como poucos povos do mundo têm. Eu acho que o nosso querido povo precisa de uma oportunidade. E nesse mundo digitalizado, nesse comércio em que predomina o conhecimento da informática, estejam certos que essa parceria é um bom, eu diria, um ótimo começo.

Podem ter certeza, meus companheiros, que o governo vai fazer sua parte, porque eu acho que se o governo fizer sua parte, tudo fica mais fácil e tudo pode ser melhor para o nosso país.

Meus parabéns, sobretudo, ao Furlan, que há dois meses briga para colocar na minha agenda essa vinda minha aqui.

Eu estou feliz, Furlan, porque é mais um passo na nossa política de desenvolvimento do país, é mais uma oportunidade que nós estamos nos dando. Não estamos dando a ninguém, mas a nós mesmos. E o Brasil precisa recuperar o tempo perdido.

Boa sorte.